

PAULO FREIRE, O LEGADO DE UMA PEDAGOGIA NOBRE

Mariana Estrela

Educadora de Infância e Doutoranda em Currículo e Inovação Pedagógica,
Departamento de Ciências da Educação, Faculdade de Ciências Sociais,
Universidade da Madeira, marianaestrela@ua.pt

Resumo:

Através da criação de uma concepção de educação democrática e dialógica, Freire consolidou um dos paradigmas mais ricos da pedagogia contemporânea. Rompeu radicalmente com a educação tradicional, transmissiva, bancária, de exclusão, de opressão, ao comprometer-se autenticamente com cada educando (respeitando a sua individualidade, cultura e vivências), ensinou-os e libertou-os da opressão – conscientização, acreditando que a educação possibilita uma sociedade mais justa e equitativa. Destacou a responsabilidade ética da ação docente, a importância dos conhecimentos científicos e da prática pedagógica – práxis humanista. O seu pensar crítico e libertador é inspirador para todos os educadores que primam por uma pedagogia da autonomia.

Palavras-chave: Pedagogia, Educação, Práxis, Democracia, Autonomia.

PAULO FREIRE, THE LEGACY OF A NOBLE PEDAGOGY

Abstract:

Through the creation of a concept of democratic and dialogic education, Freire consolidated one of the richest paradigms of contemporary pedagogy. He broke radically with traditional, transmissive, banking, exclusion, oppressive, by committing authentically to each student (respecting their individuality, culture and experiences). He taught them and freed them from oppression – awareness, believing that education enables a more just and equitable society. He highlighted the ethical responsibility of the teaching act, the importance of scientific knowledge and pedagogical practice – humanist praxis. His critical and liberating thinking is inspiring to all educators who have a autonomy pedagogy.

Keywords: Pedagogy, Education; Praxis, Democracy, Autonomy.

Introdução

O pensamento e a obra de Paulo Freire constituem um marco na pedagogia da humanidade e uma mudança de paradigma relativamente às concepções de ensino e de aprendizagem. Freire dedicou toda a sua vida à construção de alternativas à escolaridade e ao currículo vigentes, com base em princípios e valores bem diferentes dos implícitos ou explícitos curricularmente.

Nas últimas décadas temos presenciado a evolução e a recriação das suas teses epistemológicas que apontam para a construção de novos paradigmas educacionais e para uma constante recriação da práxis pedagógica emancipadora e libertadora. Na conquista da pedagogia da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios metodológicos, Freire cria um projeto educacional democrático e libertador.

O legado da pedagogia de Paulo Freire na(s) práxis em educação de infância

Paulo Freire trouxe um importante e precioso contributo concetual às práticas pedagógicas em educação de infância. Sugere que a pedagogia é uma forma de ler o mundo, de dialogar, de escutar e de conscientizar (Freire, 2001). Como educadores recriamos e produzimos nova cultura com as crianças, ao escutar os seus saberes, valorizando-os e utilizando-os nas nossas práticas através da progressiva participação ativa e autónoma de cada criança, isto é, através de atividades contextualizadas, significativas e apropriadas à agência de cada criança, aquilo a que Folque (2018) denomina de “participação à sua medida” (p. 116). Esta perspetiva pedagógica rompe completamente com a perspetiva tradicional de ensino a que Freire (1979) designa de educação bancária, em que “o conhecimento é um dom concedido por aqueles que se consideram como seus possuidores àqueles que eles consideram que nada sabem. Projetar uma ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão” (idem, p. 41). Freire patenteou uma concepção de educação como prática da liberdade, assente numa pedagogia democrática, numa prática dialógica e antiautoritária (Freire, 1967), que recusa a domesticação, a conquista e o dirigismo (Freire, 1975a), que afasta a prescrição e a decretação típicas da educação bancária, alienante e opressora, através de uma educação problematizadora, crítica, reflexiva, libertadora e comprometida com a emancipação (Freire, 1975b).

Na educação de infância a concepção bancária não tem lugar, prevalecendo na(s) práxis dos educadores a gestão cooperada da pedagogia, ou seja, a participação de cada criança na construção da mesma em cooperação e em relação com os seus pares, havendo desta forma uma co construção do currículo (Silva et al., 2016) e do conhecimento, das identidades próprias de cada criança, das famílias e dos profissionais. O modelo dialógico que Freire criou é potenciado nesta perspetiva da educação de infância, onde efetivamente há um processo contínuo, verdadeiro e

autêntico de diálogo entre os adultos e a criança (e vice-versa), entre crianças, entre adultos e é através dele que surge a aprendizagem.

Uma educação e cuidados de qualidade na infância, revestida de ética, fundada no diálogo, é condição necessária a uma educação que pretenda promover a humanização, a liberdade. O diálogo implica uma relação de tipo horizontal, que exige dos interlocutores um respeito mútuo profundo e uma atitude de busca constante, que possibilite às crianças viver, aprender, significar e criar, em que o educador valoriza a experiência, o conhecimento e a cultura das crianças e das famílias, em diálogo com o seu próprio conhecimento e a sua cultura pessoal e profissional. A pedagogia é vista, então, como um encontro de culturas, onde a cooperação substitui a dominação e onde o diálogo é um ato de criação e de relação autêntica. “O amor é uma condição essencial de diálogo autêntico. É o fundamento do diálogo, ele é também diálogo” (Freire, 1975b, p. 114). A humildade é condição essencial para o diálogo, é uma atitude de verdade da parte de todos os interlocutores (Freire, 2001). Esta concepção de pedagogia é sustentadora de práxis com fundamentos participativos e democráticos, onde tanto os educadores como as crianças expressam as suas opiniões e, simultaneamente, são escutados. Assim, em contextos onde essa escuta faz parte do processo de construção do sentido da realidade e onde as cem linguagens (Edwards et al., 2008) das crianças são incorporadas na ação e na investigação, é elevar a educação de infância a um expoente máximo da pedagogia.

A forma como criámos o processo pedagógico depende do modo como olhamos as crianças (concepções e imagens que temos acerca delas) e concebemos o seu lugar no mundo. Partilhando a visão participativa, a concepção de criança que impera é a de criança com agência e como nossa semelhante, respeitando e garantindo o seu direito de ser escutada e de ser envolvida em todas as decisões que lhe digam respeito, reconhecendo “o seu modo próprio de agir, de interagir e atribuir significado, tornando-a sujeito cooperante do seu processo de humanização” (Folque, 2018, p. 119).

Segundo Freire (1967), a relação educador-criança é uma relação de reconhecimento e é dialógica, pois o educador humanista rompe com os esquemas verticais e autoritários, típicos da educação bancária, para criar uma relação horizontal, na qual ele reconhece a criança como pessoa, como agente ativo do seu próprio saber, um ser destinado à liberdade, um homem em busca da sua humanização, tal como o educador. Ambos se tornam, assim, educadores e educandos um do outro. Neste contexto, a

Escola é...

o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente,

o aluno é gente,
 cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 na medida em que cada um
 se comporte como colega, amigo, irmão.
 Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
 Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
 que não tem amizade a ninguém
 nada de ser como o tijolo que forma a parede,
 indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 é também criar laços de amizade,
 é criar ambiente de camaradagem,
 é conviver, é se 'amarrar nela'!
 Ora, é lógico...
 numa escola assim vai ser fácil
 estudar, trabalhar, crescer,
 fazer amigos, educar-se,
 ser feliz (Freire, s.d.).

Assim, um educador humanista não é aquele que sabe tudo, mas aquele que tem consciência de que está sempre a aprender e valoriza as aprendizagens diárias no quotidiano pedagógico com as crianças, por isso mesmo, se esforça por saber mais, conjuntamente com a criança, a qual, por sua vez, sabe que, a partir dos conhecimentos do educador pode ampliar os seus. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2001, p. 25).

O papel do educador humanista consiste em organizar o ambiente pedagógico, coordenar a discussão e as pesquisas, estimular o pensamento crítico e a progressiva autonomia. Sendo certo que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (idem), é estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas das crianças, às suas inibições, é ser crítico e inquieto, é apoiar cada criança nas suas explorações e descobertas, para que desta forma cada uma, ao seu jeito, no seu tempo e ao seu ritmo, trilhe o seu próprio caminho de aprendizagem na experiência relacional e interativa. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças, estas motivações e interesses surgem na vivência de um mundo rico e natural, daí a importância de observar, escutar e documentar as narrativas únicas de cada criança, para a compreender e lhe responder de forma autêntica, congruente e significativa, criando intencionalidade e propósitos em conjunto com as motivações profissionais do educador, cuja profissionalidade e identidade são projetadas no encontro com a criança (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013).

Neste contexto, o processo de aprendizagem é pensado como um espaço partilhado entre a criança e o adulto, os espaços e os tempos são pensados para permitir a interatividade, a transição e a continuidade educativa e as propostas de atividades são concebidas como oportunidades para as crianças fazerem aprendizagens significativas, isto é, as crianças e os adultos desenvolvem atividades e projetos através do pensar, fazer e refletir com os pares, onde brincar e aprender são condição *sine quo non* para uma pedagogia participativa em educação de infância, onde todos têm um papel ativo na construção do saber e onde a aprendizagem se desenvolve em encontros culturais de crianças e adultos. É pela democratização das práticas pedagógicas envolvendo educadores e crianças mais livres e responsáveis, que se torna possível uma educação comprometida com a “autonomia do ser dos educandos” (Freire, 1997, p. 14). Neste sentido, a autonomia constitui-se como valor, objeto e experiência pedagógica concreta, inerente à natureza educativa e à pedagogia.

Paulo Freire (2001) enaltece que na formação dos educadores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática que se “torna exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo” (p. 24), porque “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p. 39). O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de se aproximar da epistemologia da prática, que se deseja participativa, isto é, a conscientização (Freire, 1975b) do que é a pedagogia participativa, como condição necessária quando se pretende uma epistemologia que respeita os direitos da criança de aprender através da participação. Através desta epistemologia há uma desconstrução do modo tradicional, transmissivo, bancário de fazer pedagogia (Monteiro, 1987), a fim de criar uma conscientização sobre propostas pedagógicas, finalidades e objetivos, meios e metas, contextos e processos. Neste ponto de vista, como educadores, é fundamental colocarmo-nos sempre na perspectiva da criança, realizando uma reflexão crítica constante sobre a ação pedagógica, com vista ao desenvolvimento de respostas pedagógicas centradas na individualidade de cada criança, criança participante ativa, co construtora do conhecimento, da identidade e da cultura (Dahlberg, et al., 2003). Será que as propostas pedagógicas vão efetivamente ao encontro dos interesses e das necessidades de cada criança? Será que favorecem a sua autonomia? Valorizam o ímpeto exploratório? Será que asseguram a transição entre ciclos educativos, nomeadamente família-instituição de educação de infância? Respeitam a individualidade, a cultura, os direitos e o superior interesse da criança? De que forma(s)? Contribuem para o bem-estar, a implicação, o desenvolvimento harmonioso e a aprendizagem holística de todas as crianças?... Julgo que o legado da pedagogia de Paulo Freire muito tem a acrescentar às respostas a estas questões. Certa de que se a perspectiva pedagógica que fundamenta a práxis do educador assentar numa visão participativa, democrática, relacional, ética, dialógica, reflexiva, crítica, libertadora e na conquista da autonomia, naturalmente teremos um contexto mais significativo à cultura e à identidade de cada um que o vivencia.

Considerações finais

Através deste artigo procurei conceitualizar conexões entre a teoria de Paulo Freire e as práticas em educação de infância, isto é, procurei evidenciar o impacto do legado pedagógico de Freire na(s) práxis em educação de infância, como conjunto de saberes teóricos, práticos e éticos que permitem aos educadores agir com intencionalidade pedagógica.

Realço a educação humanista do autor que trouxe um contributo ímpar para a perspectiva holística da pedagogia, rompendo com visões tradicionais e redutoras da aprendizagem, para se afirmar num conceito de práxis ética, participativa, ativa e significativa. Neste sentido, a visão holística da educação de infância engloba o diálogo e a relação ética constante entre todos os intervenientes no processo educativo - crianças, famílias, educador, comunidade - respeitando e incluindo a diversidade cultural.

Paulo Freire criou uma pedagogia nobre e inovadora, porque valorizou a autonomia, os saberes, os valores, a cultura e a natureza das pessoas oprimidas, de meios desfavorecidos, ensinou-as e libertou-as da opressão (Freire, 1997). O educador, nesta perspectiva, é um facilitador da aprendizagem, que elege a conquista progressiva da autonomia por parte de cada criança, para co construir ambientes de aprendizagem, propostas de aprendizagem, experiências e vivências quotidianas integradoras que promovam o desenvolvimento harmonioso e holístico de cada criança, num ambiente democrático e participativo, que respeite a sua agência e os seus direitos.

Será então na relação e na interação com outras crianças e adultos em atividades culturais, que nos apropriamos da herança cultural e dos seus instrumentos, contribuindo para novas criações. Nesse sentido, o processo de educação é um processo de humanização (Folque, 2018) e o ambiente (nas suas diversas dimensões relativas ao espaço, ao tempo, aos materiais, à organização do grupo e às modalidades relacionais) constitui um recurso e, simultaneamente, um indicador do modo como a experiência diária contempla a ação pedagógica (Estrela, 2008).

Referências Bibliográficas

- Dahlberg, G., Moss, P. & Pence, A. (2003). *Qualidade na Educação da Primeira Infância. Perspetivas Pós-Modernas*. São Paulo: Artmed Editora.
- Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G. (2008). *As cem linguagens da Criança. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Artmed.
- Estrela, M. (2008). *Qualidade da Oferta Educativa em Creche*. Dissertação de Mestrado em Ativação do Desenvolvimento Psicológico. Aveiro: UA.
- Folque, M. (2018). *O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna em*

Creche. In J. Oliveira-Formosinho & S. Araújo (Orgs.). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche* (pp. 114-138). Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1975a). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1975b). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.

Freire, P. (1997). *A Importância do Ato de Ler, em Três Artigos que se Completam*. São Paulo: Cortez Editora.

Freire, P. (2001). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (s.d.). Poema a escola é... Retirado de <http://profgege.blogspot.com/2008/01/poema-escola-paulo-freire.html>

Monteiro, M. (1987). *A Ilha Pedagógica*. Lisboa: Plátano Editora.

Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspectiva Educativa da Associação Criança*. Porto: Porto Editora.

Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação, Direção Geral de Educação.